

A LÍNGUA NOS PROCESSOS INTERACIONAIS NA ESCOLA E NA SOCIEDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA COLABORATIVA

Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa¹

Resumo

A partir de pesquisas sociolingüísticas e de pesquisas colaborativas analisam-se as relações sociais, em especial o processo interacional em aula de língua portuguesa, tentando demonstrar a relação do ensino da língua mediante esse processo e o seu sucesso no processo de ensino-aprendizagem e vice-versa. Para assegurar a conscientização crítica, principalmente do professor em relação a esse processo que se estabelece em sala de aula, especialmente no ensino de língua, buscou-se a metodologia da pesquisa colaborativa que é conhecida também como pesquisa de capacitação, por envolver o professor, enquanto pesquisado, e o pesquisador, como sujeitos ativos, no desenvolvimento de todas as atividades da investigação, para viabilizar a auto-reflexão desses sujeitos.

Palavras-chave: Pesquisa, ensino, interação.

Abstract

From sociolinguistics and collaborative researches, social relations are analyzed especially the interactional process in a Portuguese class, trying to demonstrate the relation of the teaching of the language concerning this process and its success in the process of teaching learning and vice versa. To assure the critical awareness of the teacher in relation to this process that is established in the classroom, mainly in the language teaching, it was searched the methodology of the collaborative research which is also known as capacitation research, by involving the teacher while researched and the researcher as active subjects in the development of all investigation activities, to make possible the self reflection of these subjects.

Key words: Research, teaching, interaction.

1. INTRODUÇÃO

O problema principal apresentado neste artigo é a relação da pesquisa lingüística com o ensino de língua materna, sobretudo o ensino formal, tentando vislumbrar a contribuição da pesquisa para a melhoria da qualidade do ensino. E essa apresentação será feita com base nas experiências em várias pesquisas sociolingüísticas e, principalmente, as de um projeto de pesquisa que teve esse tipo de preocupação: o projeto LES (Língua, Escola e Sociedade)², uma proposta de investigação que buscou promover uma auto-reflexão dos pesquisadores e dos pesquisados, acerca do objeto de investigação, neste caso, o ensino de língua materna. Esse projeto constituiu-se de vários subprojetos atinentes a investigações de problemas específicos de língua, no processo de ensino-aprendizagem, acrescentando-se a outras pesquisas sociolingüísticas que também investigaram a língua nos processos interacionais na escola e na sociedade. Todo o universo pesquisado foi constituído pelas escolas e respectivas comunidades que as envolviam, na cidade de Teresina (PI), mais especificamente em áreas habitadas por populações de baixa renda.

Vale esclarecer que os dados a que vamos nos referir nesta oportunidade são contribuições dessas pesquisas sociolingüísticas, realizadas no período de 1995 a 1998, em escolas e bairros da cidade de Teresina, com a finalidade de subsidiar dissertações de mestrado no curso de Educação do CCE da UFPI, na área de Sociolingüística e Educação. Já as pesquisas que compuseram o Projeto LES foram de-

¹ Doutora em Lingüística (concentração: Sociolingüística), Professora da Universidade Federal do Piauí.

² O projeto foi desenvolvido por um grupo de professores desta Universidade, da UESPI e da UnB. Professores da UFPI-CCE: Profa. Maria da Glória Soares Lima e Profa. Josenildes Batista Lima; e professores da UFPI-CCHL: Profa. Anecy Calland Marques Serra e Profa. Catarina de Sena Costa (Coordenadora local do Projeto). Professor da UESPI: Profa. Iveuta Lopes e ainda Professora da UNB - Profa Stella Maris Bortoni (Coordenadora Geral do Projeto).

envolvidas como piloto, na perspectiva da pesquisa colaborativa, que é também conhecida como pesquisa de capacitação, realizada no período de 1999 a 2000, em uma escola, e na comunidade em que a escola está inserida, na periferia de Teresina.

De um modo geral, tanto as pesquisas vinculadas ao curso de mestrado quanto as pesquisas-piloto do Projeto LES voltaram-se para o ensino de língua Portuguesa, enquanto língua materna. Nessas pesquisas foram investigados eventos de fala e eventos de escrita em escolas e comunidades, bem como as relações sociais e os processos interacionais presentes na sala de aula, inclusive aquelas relações sociais e processos interacionais subjacentes ao processo de formação do professor.

Nesse sentido, todas as investigações tiveram como objetivo avaliar a existência ou não de possíveis interações nas ações lingüísticas abordadas, seja nas aulas de Português, seja nas comunidades dos alunos, de acordo com os pressupostos sociolingüísticos que foram considerados decisivos na fundamentação das pesquisas, por relacionar fatos lingüísticos com fatos sociais. Esses pressupostos foram conciliados com a proposta da pesquisa colaborativa, enquanto uma proposta crítica (cf. MAGALHÃES, 1994, CAMERON, 1992) que prevê a participação ativa dos sujeitos pesquisados na condução da pesquisa, cuja agenda de desenvolvimento é amplamente discutida e avaliada com esses sujeitos.

A nossa contribuição neste artigo será no sentido de apresentar e discutir o processo interacional, baseado em situações e eventos comunicativos, descritos e analisados em pesquisas, no Piauí, especificamente em comunidades residentes em Teresina. Nesse sentido foram consideradas as relações sociais efetivas em todas as atividades e instituições presentes nessas comunidades, considerando-se sua natureza e seu significado, principalmente na sala de aula, e também na comunidade social onde se situa a escola, a fim de chamar a atenção dos professores, educadores, em geral, para a realidade social e lingüística, sobretudo da sala de aula.

Espera-se que este “chamar a atenção” se reverta em forma de conscientização da importância da língua na e para o estabelecimento de relações sociais, de processos interacionais em sala de aula.

2. A CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Dentre as diversas áreas de conhecimento desenvolvidas na escola, as atividades de língua são fundamentais, por serem básicas nas relações sociais em geral, inclusive, nas relações pedagógicas, bem como no processo de produção de conhecimento em todas as áreas do saber, por ser também o seu principal meio de difusão. Apesar de toda essa importância, o desenvolvimento das atividades de lí-

ngua, em sua modalidade oral ou escrita, ainda é precário na escola, como denunciam as inúmeras evidências de péssimos desempenhos dos alunos nessas atividades, em todos os níveis de ensino. De fato, até mesmo grande parte de estudantes universitários, a despeito de terem passado, no mínimo 11 anos na escola, não conseguem ampliar suas possibilidades comunicativas como falantes competentes, não se tornam leitores efetivos e nem se apropriam da escrita como meio de expressão e interação. E o mais grave de tudo é que a incompetência da escola e o preconceito que constrói e difunde, ainda conseguem emudecê-los ou inibi-los nas suas manifestações lingüísticas e comunicativas próprias, adquiridas no grupo social a que pertencem originalmente.

Pelas razões mencionadas acima é que as pesquisas sociolingüísticas e educacionais que subsidiaram as reflexões deste artigo tiveram como preocupação básica a investigação de problemas responsáveis pelo fracasso escolar. Fracasso escolar (cf. COSTA, 1994) sempre resulta de dificuldades que os membros de um determinado grupo apresentam relativamente aos desempenhos esperados, ao final de um processo de ensino-aprendizagem. Tal se dá na escola, geralmente de forma mais intensa e freqüente com o processo de ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e até mesmo da oralidade, que são requisitos básicos para o desempenho das demais atividades de ensino, em todas as áreas de cognição que ali se desenvolvem. Por estar relacionado a grupos sociais determinados e se constituir, antes, em problema de natureza social do que propriamente educacional, defendemos que a investigação dos fatores que o provocam deva incluir, também, aspectos de natureza social. Daí a opção por uma abordagem sociolingüística para o desenvolvimento da pesquisa.

As questões fundamentais formuladas para orientação das pesquisas foram:

- 1) O processo de ensino aprendizagem da língua ou da fala, em sala de aula, ocorre mediante relações sociais em processos interacionais?
- 2) Se ocorre, qual a natureza dessas relações, seus significados e quais delas contribuem ou não para o desenvolvimento de uma competência comunicativa?

A rigor, cada grupo humano possui uma língua que se estrutura e se organiza diferentemente em cada grupo particular, com distintas amplitudes de variações, de acordo com as condições reais de existência dos falantes. A evidência dessa relação da língua com os grupos sociais se deve ao fato de que ela constitui pré-requisito fundamental para a interação, segundo as condições sociais e culturais de cada grupo. Logo, isso implica dizer que a organização da língua ou da fala ocorre mediante os processos sociais, cuja evidência está no processo interacional. Do que se conclui que a língua ou a fala são construídas conforme o processo de interação social nesses grupos. Daí a importância de uma investigação dos processos interativos, seja para se conhe-

cer a natureza dessas relações, seja para o reconhecimento do seu significado social, no âmbito da sala de aula ou na comunidade do aluno, no sentido de demonstrar possíveis comportamentos, atitudes lingüísticas intervenientes nesses processos, que possam estar ou não contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Em outras palavras, pretende-se apresentar aqui processos interacionais investigados em sala de aula, principalmente entre professor e aluno, na aula de Português e, na medida do possível, apresentar também processos interacionais das comunidades, nas suas atividades cotidianas, para se ter clareza dos processos sociais e comunicativos que se estabelecem na vida escolar desses alunos, bem como nos grupos sociais de que participam, até para se poder fazer uma avaliação da sua pertinência no processo de ensino-aprendizagem dos usos e funções das atividades lingüísticas.

Entendemos que uma interação seja de que natureza for, pelo próprio sentido que encerra, define-se por uma ação de reciprocidade, como sugere o próprio prefixo *inter* (de *inter* ação) que significa *dentro de, reciprocidade*. Portanto, etimologicamente, interação significa *ação mútua*. Como entendemos, a interação a que nos referiremos aqui “... se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para um interesse comum” (DITTMAR, 1986:15).

A perspectiva ou abordagem metodológica da pesquisa foi a da etnografia da comunicação (cf. HYMES e GUMPERZ, 1972a; HYMES, 1974 e SAVILLE-TROIKE, 1982). Essa abordagem parte da descrição e análise de falas definidas em ações interativas, no processo comunicativo, para a investigação do significado dessas ações através da relação da fala com aspectos sociais da vida dos falantes. Em diversas pesquisas que desenvolvemos foram investigadas essas atividades, conforme vivenciadas no cotidiano de escolas e nas comunidades que as envolvem e, em alguns casos, buscou-se caracterizar, interpretar e, principalmente, partilhar com a população-alvo do projeto, no caso pesquisadores e pesquisados, os usos e valores lingüísticos que se estabelecem entre falantes e usuários das comunidades e das escolas, a fim de possibilitar uma reflexão sobre as atividades escolares que se desenvolvem no âmbito das comunidades pesquisadas.

Nessas abordagens sociolingüísticas, a língua ou a fala, são consideradas parte da organização social dos seus falantes de tal forma que sua função e seus usos são vistos como consequência dessa organização mais do que relacionados com e estrutura lingüística propriamente. A língua ou a fala, mais do que um fim, constituem meios e também processos aos quais estão subjacentes regras e normas de conduta sociais. Por isso que o ponto de partida da investigação sociolingüística são os fatos sociais e, no caso aqui em pauta, os processos interacionais mediados pela língua ou fala, já trabalhados nas pesquisas que subsidiaram este trabalho.

2.1. O contexto social do universo das pesquisas: Piauí/Teresina

Para se compreenderem os aspectos sociais dessas comunidades, de suas escolas e de seus falantes, é necessário que se conheçam algumas informações, ainda que gerais, sobre essas comunidades no Piauí, em especial Teresina, a capital do Estado.

Teresina é a maior e a mais populosa cidade do Estado, bem como seu principal centro comercial e industrial. Essas condições fazem da cidade o principal centro de convergência migratória da região meio-norte do país, especialmente a partir de áreas rurais e cidades do interior do Estado e de estados vizinhos.

Essas populações de migrantes são em geral constituídas de indivíduos analfabetos ou com pouquíssima escolarização e sem qualquer habilitação profissional que permita emprego ou ocupação capazes de assegurar níveis básicos de subsistência. Desempregados e sub-empregados juntam-se àqueles da sua própria condição, originando inúmeras favelas na periferia da cidade, formadas por vários meios, como invasão e ocupação de terras, loteamentos clandestinos, assentamentos etc. As condições de vida são aí muito precárias. Por isso que essa população apresenta os mais variados matizes culturais, em virtude de inúmeras contribuições das culturas regionais e locais de que seus membros originalmente participam. Embora convivendo num mesmo contexto geográfico, as relações estabelecidas no próprio bairro, na vila ou no assentamento, são conflitantes, especialmente com aquelas da sociedade mais ampla, no caso a cidade como um todo, evidenciando a diversidade de organização social. Tal se dá não apenas em razão da resistência da cultura originária, mas também em função da nova organização social que constroem, conferindo-lhes, assim, uma certa identidade social.

Os conflitos dessa diversidade cultural se manifestam especialmente em aspectos lingüísticos e estes se repercutem particularmente na escola, como constataremos nas atividades ou eventos de aula de Língua Portuguesa, que serão apresentados e comentados a seguir.

2.2. Descrição e análise dos dados

Vejamos um exemplo bem típico de aula, conforme apresentado e descrito na dissertação e, posteriormente, no livro “*Os usos Cotidianos de Escrita e as Implicações Educacionais*”, da Profa. Maria da Glória S. B. Lima, da UFPI (Cf. LIMA, 1995). Segue **O evento de fala de aula de ensino de Língua Portuguesa (p. 116-120)**.

“1) *Evento de fala em aula de ensino de Língua Portuguesa*

Evento: Aula de ensino de Língua Portuguesa (3ª. Série do 1º. Grau).

Propósito: Desenvolver atividades de leitura e interpretação de texto.

Participantes: Professora, alunos na faixa etária de 7 a 14 anos de idade.

Forma de mensagem: Verbal e escrita

Regras de interação: O professor tem o monopólio da fala. O aluno só deve falar quando solicitado pelo professor. O aluno deve manter-se calado, ouvindo com atenção o professor. Não é permitido aos alunos conversarem entre si. Segue descrição da sala de aula. Ao iniciar a aula, a professora limpa o quadro-de-giz, arruma os papéis sobre a mesa e instrui os alunos acerca do que vai ser desenvolvido no evento. A fala da professora é, tentativamente, a fala prescrita, conforme a norma culta.

- Atenção, gente! Hoje nós vamos fazer a leitura do livro e depois interpretar a leitura.

- Depois ditado e exercício de palavras com dificuldades.

- Peguem o livro... página vinte e oito.

Todos obedecem, cada um vai abrindo o seu livro.

- Encontraram a página vinte e oito? Já?

Aluno 1: - Já

Aluno 2: - Encontrei.

Aluno 3: - Viche! Vinte e oito de novo? (comentando baixinho para o colega ao lado).

A professora, após pedir que os alunos abram o livro, não dá mais nenhuma instrução e ela própria faz a leitura do texto.

- Agora eu vou ler oralmente e observe como é que eu faço a leitura.

- Título: Solidariedade.

- Certo dia dois burricos seguiam animadamente por uma estrada empoeirada. Cada um levava no lombo uma enorme carga. Um deles conduzia uma carga de açúcar..

Enquanto a professora lê o texto, a maior parte dos alunos acompanha silenciosamente a leitura, enquanto outros conversam dissimuladamente e em voz baixa. Após a realização da leitura, a professora sem qualquer comentário sobre o texto ou qualquer instrução faz perguntas aos alunos acerca do entendimento que tiveram do texto lido. Mas ela mesma responde as próprias perguntas, antes mesmo que os alunos o façam. Em nenhum momento foi possível perceber a professora dar oportunidade aos alunos de construir suas próprias análises e conclusões sobre o texto.

Professora: Quem são os personagens do texto?

Aluno: Eu sei...os dois...

Professora: Sim, os dois burricos...!

Depois de outras perguntas, conclui a interpretação da leitura com uma pergunta final.

Professora: Qual a moral da história?

Um dos alunos, timidamente, começa a dar a sua resposta acerca da moral da história:

Aluno: O burrinho aprendeu...qui...

A professora imediatamente o interrompe:

- Sim, solidariedade é...

Ao concluir essa parte da leitura, determina uma releitura:

- Atenção! Vamos fazer uma leitura em coro.

A professora lê o texto, acompanha a leitura feita pelos alunos. De vez em quando interrompe a leitura e intima os alunos, chamando a atenção daqueles que não parecem estar lendo.

- Vamos todo mundo lendo!

- Rumbora Márcio todo mundo lendo.

Após a leitura, a professora faz oralmente perguntas aos alunos a respeito do conteúdo do texto lido e faz algumas anotações no quadro de giz:

Exercício de interpretação

1) O fato narrado se passa:

() numa casa

() na roça

() durante uma viagem

() na cidade

2) Quantos e quais são as personagens do texto?

3) Qual a moral da história?

Imediatamente, após terminarem de interpretar o texto, a professora volta-se para o quadro de giz e escreve:

- 'Ditado de palavras'

Terminado o ditado, a professora volta-se para novamente para o quadro de giz e escreve:

- Exercício

E instrui os alunos

- Copiem o exercício no caderno para responder em casa (e volta a escrever no quadro de giz).

2.3. Considerações

2.3.1. Comunidade

No geral, os resultados da investigação mostraram que os usos e função da fala nos grupos sociais (seja no interior do grupo, seja no seu dia a dia, em geral,) atendiam às funções da língua ou da fala que são de comunicação, de expressão e de interação. Como exemplos, podemos citar: cumprimentos na rua, quando os membros do grupo se encontravam, às vezes, até uma rápida conversa, sobre um assunto familiar, uma notícia dos familiares, um problema de doença; ou ainda quando estavam sentados à frente de suas casas, à tardinha, para contar histórias, ler ou escutar a leitura de alguma carta recém-chegada dos parentes distantes, ou até mesmo para "jogar conversa fora" como sempre diziam. O que importa observar nessas situações ou eventos de comunicação é que todas as pessoas partilham da conversa, emitem opiniões, apresentam argumentos para alguma questão em discussão, escutam, falam, enfim, compartilham ações de comunicação, configurando efetivamente um processo de comunicação e de interação.

2.3.2. Escola

Já na escola, os usos e funções da fala fugiam a essas funções lingüísticas. E aqui vamos nos referir principalmente

às aulas de língua Portuguesa, da língua materna dos participantes dessa situação social. Portanto, na escola, em geral, não havia interação professor/aluno, uma vez que ao aluno não era permitida a fala, mas apenas ouvir o professor e concordar com tudo que fosse colocado, sob pena de ser recriminado. Não havia também nenhuma adequação entre o conteúdo e as atividades da escola, nem às atividades do grupo social ao qual atendia, fossem atividades orais, ou escritas. Aliás, no que diz respeito à comunicação oral, os alunos não têm direito a voz e, em geral, as atividades desenvolvidas em sala de aula, mesmo as de Português, não apresentavam nenhuma relação com a realidade deles, como se observa no evento de fala de aula de Português, apresentado acima. Normalmente, as atividades destas aulas não apresentavam uma seqüência, em que cada uma se articulasse com a outra, seja complementando o conteúdo da atividade anterior ou ampliando-o. De fato, as atividades de aula, em especial as de Português, caracterizavam-se como atividades isoladas, soltas, razão por que essas aulas não tinham sentido para os alunos.

Nas atividades de escrita predominavam exercícios de cópias de textos e algo a que chamavam de interpretação de texto, que não tinha relação com a reflexão da criança, nem com o que praticavam em termos de escrita. Visavam mais a memorização das idéias dos textos que copiavam ou, às vezes, decifravam. Como exemplo dessa situação pode-se citar o caso de uma criança que, quando interpelada pela pesquisadora sobre se ela escrevia bilhete, respondeu o seguinte: “... *biête a gente faz, mas se a tia pega...*”.

Enfim, a escola não trabalhava nenhum conteúdo relacionado com a vida dos alunos, da sua comunidade, nem mesmo apresentava esse conteúdo dentro do que se poderia considerar uma unidade, como parte de um todo.

2.3.3. O projeto LES (Língua, Escola e Sociedade).

No Piauí, desenvolvemos uma pesquisa piloto em Teresina, no bairro Vila Bandeirantes, focalizando uma escola comunitária e a comunidade a que a escola atendia.

Na escola comunitária acompanhamos tanto o desenvolvimento de atividades de aula quanto de atividades extraclasse. Dessas atividades extraclasse participavam ora apenas a comunidade escolar, como na comemoração dos aniversários dos alunos e professores, ora a comunidade social mais ampla, como nas comemorações do Dia das Mães, do Dia dos Pais. Atividades com participação mais ampla, ainda da comunidade do bairro, eram as reuniões de pais e mestres, reuniões de grupos de jovens, de grupos da pastoral e eventos, como as festas religiosas, as quermesses, dentre outros.

O objetivo era, primeiro, descobrir e investigar os problemas reais que de fato intervinham no desempenho do professor, dificultando sua interação com os alunos e conseqüentemente com as pessoas da comunidade. E, depois, buscávamos provocar a auto-reflexão do professor bem como despertar sua consciência crítica acerca dessas dificuldades. Esta era uma proposta de pesquisa que incluía na sua agenda atividades conjuntas de pesquisadores com pesquisados, incluindo o planejamento das suas atividades. Desse modo, os pesquisadores em conjunto com os professores da escola e até algumas pessoas da comunidade tentavam identificar os problemas de pesquisa e conduzi-los a uma reflexão crítica quanto à pertinência de solução para possíveis problemas, visando ao bom desempenho da escola. Nessa perspectiva, percebeu-se desde cedo, nessas pesquisas, que as dificuldades de trabalhar problemas lingüísticos no desempenho dos alunos levavam os professores a uma conscientização do seu papel pedagógico e social. Neste particular, vejamos uma análise e discussão de uma pequena mostra de dados coletados em uma aula do pré-escolar (COSTA, 1999, p.88). Seguem os dados.

2.3.4. Dados da pesquisa A integração da escola/comunidade e o sucesso escolar, subprojeto do Projeto LES (Língua, Escola e Sociedade).³

Observem os dados⁴:

P - *Vou perguntar pra vocês o resultado de cada frase. Olhe com atenção. Vocês não precisam escrever agora. Vocês vão me responder, certo? E eu vou colocar aqui no quadro e cada um vai fazer (pausa). Kelly quem vende sorvete é o...*

A's - *(poucos) Sorveteiro.*

P - *Isso. Quem vende verdura é o...*

A's - *Verdureiro*

P - *Quem entrega a carta é o...*

A's - *Carteiro*

P - *(a professora hesita... aponta para os alunos. Os alunos repetem):*

A's - *Carteiro.*

P - *Carteiro.*

P - *Quem entrega os pães é o...*

A's - *Padeiro.*

P - *(Profa. aponta para os alunos. Eles repetem):*

A's - *Padeiro. Pãozeiro.*

P - *Como é o nome?*

A's - *Padeiro. Padeiro.*

P - *Ham, ham, pãozeiro! Padeiro! (Sorri e repete)*

P - *Quem entrega os pães é o...*

A's - *Padeiro.*

P - *Tá bom. Preste atenção que nós vamos fazer aqui um quadro. Você vai preencher cada espaço que tem embaixo. São quatro linhas que você vai preencher, certo? Pode usar coleção se quiser ou então de lápis.*

A - *Tia vou fazer de lápis.*

P - *Pode fazer.*

³ Subprojeto desenvolvido por Catarina de Sena S. M. da Costa

⁴ Evento gravado em vídeo

Observou-se que em pelo menos duas passagens a professora muda sua forma de intervir junto aos alunos para obter deles uma informação a mais do que vinha obtendo na aula. Ao se referir à profissão de carteiro, a professora aponta para os alunos, comportamento que é suficiente para repetirem a resposta anterior. Já em relação ao nome do profissional que faz o pão, no caso o padeiro, depois da resposta esperada, a professora insiste mais uma vez na confirmação da resposta dada, apontando para que os alunos respondam, ampliando a resposta anterior, portanto, complicando a expectativa da professora. Ela então pára, hesita, sorri e repete a resposta anterior, dirigindo-lhes em seguida a mesma pergunta, porém re-elaborada. Aí os alunos confirmam a resposta prevista.

Nos dois casos, fica evidente a interação professor/aluno por uma forma de comunicação não marcada (prevista) em outras comunidades. Apontar para os alunos pode não significar necessariamente que eles tenham que repetir a resposta anterior. Dependendo do caso, pode significar uma advertência, uma reprovação ou outra informação. No caso específico, significou mais do que uma repetição, significou um pedido de confirmação da resposta prevista da melhor forma possível. No segundo caso, a professora ao apontar para os alunos, obteve a resposta da pergunta anterior, mais ampliada. E só num segundo momento, ao repetir a pergunta, é que os alunos deram a resposta esperada.

Uma especulação em torno das intervenções da professora nesses dois casos mencionados é que essas profissões podem não ser suficientemente conhecidas pelos alunos, pressuposto que gerou dúvidas no professor, sendo compartilhado pelos alunos ao reagirem em um segundo momento, quando forneceram a resposta esperada.

“Diferenças culturais nos modos de falar e de escutar entre a rede de fala da criança e do professor, de acordo com explicação do processo comunicativo, levam a sistemáticas e recorrentes falhas de comunicação na sala de aula” (Cf. HYMES, 1974, citado por COSTA, 1999, p.88) É que suas expectativas derivam-se da experiência fora da escola, das suas comunidades de fala (Cf. GUMPERZ, 1982) e o que mais recentemente se chama redes de fala. *“As redes são conjunto de pessoas que se associam estreitamente e que passam a compartilhar suposições comuns sobre estilos e usos apropriados de comunicação”* (ERICKSON, 1987, p.3). Desse modo é que *“essas interpretações só são possíveis porque ambos pertencem à mesma comunidade ou rede de fala. “Especialmente nas séries iniciais, se os professores e alunos têm expectativas implícitas distintas com relação a comportamento interacional apropriado, estão sujeitos a incorrer em falhas de interpretação mútua”* (BORTONI-RICARDO, 1995, p. 2)

Fica evidente, a partir desses e de outros dados que observamos na escola, e até em encontros com os professores da escola, que existe, sem dúvida, uma certa integração da escola com a comunidade dos seus alunos, que conta com a participação dos pais em todas as suas atividades e aí des-

de a adequação do calendário da escola às atividades da comunidade, como, por exemplo, a suspensão das aulas no período das quermesses, evento do qual participam a escola com seus alunos, cujas atividades são ali preparadas em sala de aula, antes do evento. Outro exemplo é o trabalho da pastoral realizado com os pais e parentes dos alunos da escola e que também constitui objeto de reflexão na sala de aula, desde a importância de ingerir os alimentos produzidos pela pastoral, os quais fazem parte da merenda escolar, dentre outros. Além disso, verificamos, de um modo geral, uma certa integração dos professores com os alunos em sala de aula. Apesar de tudo isso, ainda não podemos afirmar que a escola e a comunidade atendam às expectativas recíprocas e que estejam, de fato, integradas.

A integração professor aluno e a integração dos professores com a comunidade estão tão implícitas nas atitudes e nas práticas que não chegam a ser claramente percebidas como algo desejável em face do fato de esta ser para os professores a forma natural de sua atuação. A atuação da escola insere-se ainda no campo das práticas espontâneas as quais apenas por coincidência e não por necessidade apresentaram resultados satisfatórios – aprendizagem da língua – cujo sentido mais profundo ainda escapa à maioria dos atores.

3. CONCLUSÃO

Os resultados das pesquisas sociolinguísticas e das pesquisas-piloto que integraram o Projeto LES, e destas, como uma proposta de pesquisa colaborativa, foram elucidativas do processo interacional em sala de aula, entre professor e aluno, demonstrando não só a falta de interação na sala de aula, como se evidenciou no evento da fala da aula de Português, durante a interação do professor com os alunos (como na escola comunitária), pela vivência em situações de aula de regras implícitas de comunicação, típicas da comunidade social de que fazem parte os alunos e também o professor, conforme evidenciado em aula do pré-escolar.

Não nos parece surpreendente que na escola, onde não se verifica essa interação, a evasão e repetência escolar superam as médias nacionais, enquanto que na escola comunitária, a despeito da falta de preparo técnico dos professores, e também por falta de sua experiência no magistério como estavam sempre a nos colocar, a escola consegue um resultado acima da média, superando resultados alcançados em outras escolas municipais no bairro.

Segundo a diretora da escola, os alunos dessa escola comunitária são muito bem recebidos na escola de ensino fundamental do bairro, os quais conseguem destaque pelo fato de saberem ler e escrever.

Embora esses resultados revelem a implicação do processo interacional do professor-aluno no desempenho linguístico dos alunos, tanto dentro quanto fora da escola não se podem contabilizar apenas essas evidências como responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar.

Convém acrescentar outras condições aos professores, no sentido de viabilizar a ampliação das oportunidades de acesso à língua de prestígio, como forma até de promoção social dos alunos e da comunidade.

De fato, é nas relações sociais e nos processos interacionais que os usos da língua ou da fala se efetivam, assegurando sua verdadeira função enquanto capazes de gerar, de produzir e ampliar essas relações, através da construção de sentidos e significados, tão importantes e básicos na construção de mundos e realidades humanas. Essas são as condições básicas para a produção e reprodução de qualquer conhecimento. Daí a importância da investigação das relações sociais nos processos de interação lingüística em sala de aula, como forma de garantir a eficácia dessa atividade enquanto um ato educacional. Talvez a falta de consideração desse processo nas atividades de ensino de língua constitua um dos motivos responsáveis pelas dificuldades não só na obtenção de um desempenho lingüístico esperado como dos desempenhos em diversas áreas de cognição.

Acrescentamos ainda como decisiva a auto-reflexão – propósito explícito da pesquisa colaborativa que inclui também as atitudes e práticas pedagógicas dos professores nas suas atitudes e práticas como membros da comunidade e que, também, a comunidade seja incluída nessa reflexão.

Estamos, pois, convencidos de que este tipo de pesquisa, envolvendo a todos, especialmente professores e comunidade, poderá levá-los a traçar rumos próprios e claros para a atuação da escola.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTONI-RICARDO, Stella. (1995). *O discurso na sala de aula: uma visão etnográfica*. Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa. UFG.
- CAMERON, Deborah et al. (1992). *Researching Language: Issues of Power and Method*. Londres: Routledge.
- COSTA, Catarina de Sena S. M. da. (1994). A lealdade às relações culturais contra o fracasso escolar. *I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA*. UFBA. Salvador.
- COSTA, Catarina de Sena et alli. (1999). Educação e vida sociocultural em Teresina numa dimensão sociolingüística: a língua nos processos interacionais na escola e na sociedade. *Revista do GELNE*, ANO 1, VOL.1, (p. 83-90).
- DITTMAR, N. (1976). *A critical survey of sociolinguistics, teory and aplication*. New York: St. Martin Press.
- ERICKSON, F. (1987) *Transformacional and school secess: the politics and culture of educational achievement*. *Antropology & Education Quartely*, 18-(4): 335-56
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press. 1982.
- GUMPERZ, J. and HYMES, D. (orgs.) (1992) *Directions in Sociolinguistics*. Holt, Rinehart and Winston, INC, USA.
- HYMES, D. (1974). *Foundations in sociolinguistics*. University of Pennsylvania Press. Philadelphia.
- LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa (1995). *Os usos cotidianos da escrita e as implicações educacionais*. Dissertação de Mestrado. Teresina, Centro de Ciências da Educação/UFPI
- MAGALHÃES, Maria Cecília C. (1994). A etnografia colaborativa e desenvolvimento do professor. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, Campinas. (23): 71-78, Jan/Jun.
- SOARES LIMA, Maria da Glória B. (1996). *Os usos cotidianos da escrita: uma abordagem etnográfica*. Editora da UFPI: Teresina.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel. (1982). *The ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell.